

---

## ANÁLISE DE OBRAS CINEMATOGRAFICAS DESTINADAS AO PÚBLICO GAY MASCULINO

---

Gabriel Batista Mota<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente estudo veicula uma análise de 174 filmes audiovisuais destinados aos homens gays. O objetivo central deste trabalho foi entender como são construídas as narrativas de obras cinematográficas protagonizadas por casais homoafetivos e divulgadas na mídia ocidental a partir da segunda metade do século XX. Para tal, a metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e a obtenção de dados foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico e fílmico. Como conclusão, o autor constatou um padrão majoritário, presente neste tipo de arte, que se observa como longas e curtas-metragens de baixa produção, ambientadas em locais mais afastados das grandes metrópoles, com personagens que têm como foco a luta pessoal por algum tipo de aceitação/respeito e que, em sua maioria, reproduzem arquétipos comportamentais heterossexistas.

**Palavras-chave:** Cinema. Filmes LGBTs. Homens gays.

### Introdução

As diversidades sexuais ainda são um *tabu* em muitos âmbitos das sociedades ocidentais contemporâneas. Debater a importância do pertencimento, da performatividade, da igualdade e da dignidade humana, embora pautas dos Direitos Humanos dos anos de 1990, ainda se apresenta como um ponto essencial à atualidade.

Identificar-se como um LGBT, em um primeiro momento, diz respeito a uma série de enfrentamentos nas esferas escolar, familiar, social e até jurídica, e, no entretenimento e no mundo das artes, isso não é diferente.

Embora o cenário cinematográfico, por influência de artistas como Judy Garland e Oscar Wilde, por exemplo, seja hipoteticamente mais aberto às diferenças e traga, em seu arcabouço midiático, muitos trabalhos com LGBTs, esse número expressivo de longas-metragens não simboliza, necessariamente, uma qualidade ou um aprofundamento nessas discussões, nem na luta por respeito.

Fazer o debate sobre este tipo de produção artística se faz necessário por ser um setor da sociedade capaz de chegar a quase todos e que, por estar voltado ao entretenimento ou ao prazer do relaxamento, consegue estabelecer uma ligação psicológica ou emocional de maneira mais rápida com seus telespectadores, possibilitando, ou não, a transmissão de mensagens ou ensinamentos de forma mais simples e efetiva.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: ogabrielmota@gmail.com.

Dito isso, o presente artigo analisará a composição visual e narrativa de 174 produções fílmicas ocidentais datadas a partir da década de 1980, entre longas e curtas-metragens, configuradas como as mais assistidas do site *filmesgays.net*, o maior repositório de obras voltadas ao público LGBT do Brasil, nas quais os protagonistas são solteiros ou casais homoafetivos prioritariamente do sexo masculino.

Em um primeiro momento, o autor julga necessário fazer uma introdução ao percurso cronológico do movimento LGBT global e nacional, tendo em vista a pulverização da história desse grupo social. Após isso, irá se discutir um pouco sobre as obras audiovisuais selecionadas e suas respectivas análises.

## 1 Um breve resgate histórico do movimento LGBT

Embora a trajetória da diversidade sexual seja tratada com certa profundidade nas produções artísticas e audiovisuais da contemporaneidade, ainda faltam trabalhos que relatem seu percorrer cronológico e que resgatem tal percurso tendo por objetivo a reparação histórica que esse público merece, já que seu passado foi não apenas ignorado, mas também apagado ou caricaturizado por muitos séculos e, ainda hoje, continua sendo-o em alguns países com fortes raízes conservadoras.

A diversidade humana<sup>2</sup>, ao contrário do que muitos pensam atualmente, não é um modismo, isto é, não surgiu agora em função da militância ou da maior participação LGBT nos vários segmentos sociais. Ela existe muito antes do cristianismo, por exemplo, já que, na Grécia Antiga, o relacionamento entre homens não era apenas visto, como também encorajado. Esse panorama muda quando o Império Romano passa a exercer maior poder sobre alguns povos e a difundir seu estilo de vida, que, mesmo tendo conhecimento da homoafetividade, não a considerava vantajosa, principalmente porque nesse período histórico o interesse de tal governo era expandir seus exércitos e dominar novas áreas; e isso só seria possível com um contingente maior a partir da procriação heterossexual (PEASE; PEASE, 2000).

A partir dessa distinção romana voltada apenas à procriação para o aumento de seus exércitos e, logo, de seu poder, as diversidades começam a ser vistas como diferentes e essa visão social passa

---

<sup>2</sup> Essa diversidade, na maior parte dos casos, se refere aos membros não-heterossexuais da sociedade. Fry e MacRae (1985) definem tais indivíduos como aqueles que naturalmente possuem uma atração física e/ou romântica dirigida ao mesmo gênero, assim como os bissexuais se relacionam com ambos os gêneros e os transexuais não se sentem confortáveis com a configuração sexual com a qual nasceram. Essa separação social padroniza os heterossexuais e categoriza os LGBTs em diferentes e, a depender da cultura, até em anormais (SILVA; MAGALHÃES, 2018).

a fomentar que tais indivíduos sejam alvos de aversões<sup>3</sup> – que hoje se considera como homofobia ou LGBTfobia –, que, com o surgimento da Igreja Católica, são ainda mais difundidas. Depois do século IV, tal discriminação segue sendo incentivada pelo mundo ao ponto de se tornar crime ou doença psiquiátrica em quase todo o globo.

Mesmo com esse cenário, os estudos sobre os gêneros e as sexualidades começam a conquistar espaço lentamente motivados pelo interesse em compreender não apenas a mente humana, mas também suas relações (MOLINA, 2011), o que também faz com que as instituições hegemônicas se organizem e comecem a difundir boatos, trabalhos e escritos tendenciosos para tentar manter a heterossexualidade como a única forma de vida afetiva aceita pelo Deus cristão e viável ao capital e ao crescimento pessoal e profissional (BRITZMAN, 1996). Um exemplo dessas movimentações foi a frequente (re)edição da bíblia, na qual os trechos mais alterados foram os que faziam alguma menção às práticas sexuais não-reprodutoras (HELMINIÁK, 1998).

Já no século XX, com o passar das décadas, as pesquisas avançam e começam a provocar questionamentos sobre as construções sociais (LOURO, 1999), principalmente no que se refere aos papéis sexuais e à separação social ocasionada, também, pelo gênero (BRITZMAN, 1996).

Como resultado desses estudos e, também, das constantes perseguições, humilhações e condenações à prisão ou à morte – como acontece até os dias atuais em muitos países da Ásia e do Oriente Médio –, os LGBTs começam a se organizar internamente, já que os poucos heterossexuais que os apoiavam tinham medo de também serem violentados, e a formar grupos de apoio e proteção, principalmente na Europa, para se ajudarem em casos de violações. A partir da segunda metade do século XX, esses agrupamentos começam sua busca incipiente por igualdade, respeito e dignidade (FERRARI, 2004).

É só no fim da década de 1960, nos Estados Unidos da América, que essa organização social ganha força e notoriedade a partir da revolta de *Stonewall*, na madrugada de 28 de junho de 1969. Esse acontecimento teve como estopim a morte da atriz Judy Garland – popular entre os LGBTs, principalmente entre os homens gays e os(as) transexuais, travestis e *drag queens* –, que atuou em *O mágico de Oz*, interpretou a música *Over the rainbow* e, assim, difundiu o uso do arco-íris (MAIA *et al.*, 2013).

A artista morreu no dia 22 de junho e, segundo relatos, foi velada por quase quatro dias. Neste período, os LGBTs iam a bares ou casas de show homenagear a estrela, mas, na madrugada do dia 27 para o dia 28, a polícia de Nova York fez mais uma de suas batidas ilegais e, cansados, os membros da

---

<sup>3</sup> “A homofobia, preconceito contra pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com outras do mesmo sexo, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras, discursos, agressões e até mesmo assassinatos, que Luiz Mott, em seu livro “Homossexualidade: Mitos e Verdades” retrata como um ódio doentio contra aqueles que ousam transgredir a ditadura heterossexista” (MOLINA, 2011, p. 950).

comunidade LGBT enfrentaram o esquadrão e, no dia seguinte, foram às ruas da cidade protestar contra a brutalidade policial, contra o sistema opressor e contra a sociedade preconceituosa norte-americana (REIS, 2007).

Após essa revolução nos padrões e esse surgimento de um movimento atuante, a maior parte das sociedades globais presenciou o nascimento de células nacionais dessa organização exigindo os mesmos direitos que suas respectivas constituições garantiam aos heterossexuais.

Enquanto na América Latina tais revoltas e estudos só começam a aflorar em meados dos anos de 1980, o Brasil já possuía alguma relação com a temática em função da ditadura militar, que, ao censurar artistas/intelectuais que também tentassem falar sobre sexualidade/diversidade (MAIA *et al.*, 2013), somada ao aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que foi duramente atribuída única e socialmente aos gays, acabou involuntariamente inserindo tal assunto no interior das universidades e de grupos sociais mais abertos ao debate (MENDES, 2010).

É em 1970 que a célula nacional do movimento, intitulada ‘Movimento Homossexual’, ganha destaque por suas lutas ao mesmo tempo que cria o ‘Somos’ – primeiro grupo declaradamente homossexual – para exigir respeito e direitos e que, conseqüentemente, ajudou a parada do orgulho LGBT – que teve início só em 1997 – a ser considerada, atualmente, a maior manifestação de diversidade do mundo (FACCHINI; FRANÇA, 2009).

O ‘Movimento Homossexual’ brasileiro ganhou visibilidade e adesão por não apenas buscar a igualdade e a dignidade presentes na Constituição Federal de 1988, mas também por questionar a separação das funções sociais<sup>4</sup> apenas pautada no gênero, assim como por reflexões internas que, entre outras coisas, fomentaram a constante mudança de siglas<sup>5</sup> para apoiar a todos que se considerassem subjugados pela cultura heterossexista brasileira.

---

<sup>4</sup> A partir da década de 1980, e com o fim da Ditadura Militar Brasileira, os militantes mais ativos desse movimento em crescimento passaram a questionar as expressões sexuais impostas socialmente, isto é, passaram a explorar a feminilidade em contraponto à masculinidade forte e agressiva ensinada desde muito cedo aos meninos. Já as mulheres lésbicas experimentaram uma expressão de ser um pouco mais masculina, abandonando os ensinamentos de uma feminilidade frágil e submissa e, dessa forma, o grupo iniciou uma derrubada de padrões sexuais evidenciando que a masculinidade não precisava ser tóxica e destinada unicamente aos homens; e a feminilidade poderia, sim, ser mais decidida, ativa, atuante e protagonista na sociedade (SIMÕES; CARRARA, 2014), tirando-a, assim, da sombra da figura do marido e permitindo a experimentação de uma vida sexual e afetiva livre de amarras culturais promovidas pelo patriarcado cristão brasileiro.

<sup>5</sup> “A partir da década de 1990, o movimento multiplica também as categorias de referência ao seu sujeito político. Assim, em 1993, ele aparece descrito como MGL (‘movimento de gays e lésbicas’) e, após 1995, surge primeiramente como um movimento GLT (‘gays, lésbicas e travestis’) e, posteriormente, a partir de 1999, começa a figurar também como um movimento GLBT – de ‘gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros’, passando pelas variantes GLTB ou LGBT, a partir de hierarquizações e estratégias de visibilização dos segmentos. Em 2005, o XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros aprova o uso de GLBT, incluindo oficialmente o B de bissexuais à sigla aceita no país e convencionando que o T se refere a travestis, transexuais e transgêneros. A solução provisória encontrada pelo XII EBGLT foi posteriormente revogada e, em 2008, o evento já se chamava

Essa repercussão foi tão grande que, pela primeira vez no país, um Presidente da República visitou uma das muitas reuniões dos grupos; e isso ocorreu em 2008, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva participou de uma conferência do Somos (FACCHINI; FRANÇA, 2009).

Atualmente, investigar a sexualidade e suas intersecções com outras áreas, ao contrário do que se esperava em meados dos anos 2000, não tem se mostrado uma tarefa fácil, em virtude do retorno ao conservadorismo dos anos de 1960 e 1980.

Entretanto, isso é necessário para tentar ajudar na busca por segurança e igualdade a esse grupo, principalmente em um país que é considerado o que mais mata LGBTs no mundo. Em 2014, por exemplo, o Brasil contabilizava uma morte unicamente vítima de LGBTfobia a cada 28 horas, percentual esse que havia crescido 30% em relação aos três anos anteriores (SOUTO, 2018). Já em 2018, esse valor subiu para 16 horas (SOBRINHO, 2019). Em 2019, houve uma pequena melhora, mostrando um assassinato em razão da aparente orientação sexual a cada 19 horas (BRASIL DE FATO, 2021).

Esse cenário de intolerância não acontece apenas no mundo real. No universo cinematográfico, as produções destinadas a esse público também se mostram escassas e, algumas vezes, repletas de arquétipos pejorativos.

Mota (2021), por exemplo, mostra que as manifestações artísticas visuais e audiovisuais voltadas aos LGBTs, indiretamente, reproduzem os padrões sociais heterossexistas da contemporaneidade ao representar os casais homoafetivos como cópias idênticas dos heterossexuais e ceifando deles suas individualidades e identidades.

É por essa e outras razões que analisar os filmes e curtas-metragens com protagonistas que fogem à norma heterossexista se faz relevante para compreender como a sétima arte vê e reproduz tal contingente social.

## 2 Análise do recorte midiático selecionado

Tendo em mente o histórico elencado no capítulo anterior e os cenários atuais, o presente estudo elencou os 174 filmes protagonizados por homossexuais masculinos mais assistidos do portal *filmesgays.net* para serem analisados no que tange suas construções e narrativas. Essa lista, organizada na Tabela 1 (vide Anexo), contém filmes e curtas-metragens.

---

EBLGBT (Encontro Brasileiro de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). A sigla do EBLGBT acompanhou mudança ocorrida em meados do ano de 2008, a partir da Conferência Nacional GLBT, quando, não sem alguma polêmica, foi aprovado o uso da sigla LGBT para a denominação do movimento, o que se justificaria pela proposta de visibilizar o segmento das lésbicas” (FACCHINI; FRANÇA, 2009, p. 62-63).

A tabela em anexo, como já dito, apresenta as produções fílmicas destinadas ao público gay masculino mais assistidas do portal de filmes LGBT *filmsgays.net*. Além do nome no idioma original em ordem alfabética, a classificação também trouxe o ano em que a referida obra cinematográfica foi disponibilizada ao público e, para facilitar a análise, subdividiu-os em quatro categorias conforme a cor na qual estão destacados: verde, vermelho, azul e sem destaque.

A primeira classe a se observar são os filmes em azul, pois evidenciam aquelas obras nas quais os protagonistas, sejam solteiros ou casais, tiveram um “final feliz”, isto é, não foram acometidos de nenhuma tragédia para “puni-los” por sua orientação sexual. Esse grupo se configura apenas como 71 obras, ou seja, 40,8% das produções com protagonistas gays masculinos, narrativamente, terminam bem.

O segundo e o terceiro agrupamentos feitos, destacados respectivamente em verde e vermelho, representam os únicos filmes que foram realizados por grandes produtoras. Neste estudo, entende-se por “grande produção” aquelas películas de estúdios que já tenham recebido algum prêmio Oscar e que, na divulgação, tenha veiculado tais produções em, ao menos, dois tipos de veículos midiáticos distintos.

No caso dessas duas categorias, juntas, elas representam apenas 5,8% do elencado na tabela 1; já separadas cada uma detêm apenas 2,9%. Em verde estão os filmes de grandes produções que terminaram em algum tipo de catástrofe; em vermelho são aqueles cujo desfecho culminou em algo bom para os personagens centrais. Aqui pode-se perceber, por exemplo, que não há interesse das maiores empresas do ramo do entretenimento em idealizarem ou propagarem criações sobre/para o público gay ou LGBT como um todo. Isso se dá não apenas devido à pouca vontade sobre tal temática, mas também em decorrência do conservadorismo dessas companhias, de seus patrocinadores e das sociedades que consomem tal tipo de arte, que ainda consideram a homossexualidade e as diversidades como uma característica que emprega inferioridade e imoralidade a quem a manifesta (MISKOLCI, 2009).

O último conjunto desta seleção é daqueles que não estão destacados com nenhuma cor e, por isso, aparecem com o fundo branco na tabela. Esta divisão conta com 93 títulos que representam, no montante de 174 obras, o total de 53,4%. Este grupo simboliza as histórias nas quais tanto a narrativa quanto o *clímax* se deram de forma desastrosa para os personagens, ou seja, que tiveram um fim triste ou horrível. Somada à segunda ordem desta categorização, os filmes em verde – que, mesmo sendo frutos de instituições cinematográficas de grande poder aquisitivo, não tiveram uma boa conclusão –, as ficções com desfecho caótico, totalizam 56,3% do total.

Com isso, podemos notar que, na visão desse ramo, as lutas desses indivíduos não são válidas, não são batalhas que são vencidas ou que não merecem apoio. É claro que esse tipo de percepção não advém unicamente da vontade de tais conglomerados midiáticos, mas também pela pressão social

ainda exercida por setores da sociedade que não permitem que tais assuntos sejam trazidos a público ou que recebam algum tipo de ajuda. De certa forma, esse cerceamento ao respeito, à dignidade e à liberdade é uma das formas que a biopolítica, de Foucault, pode se manifestar, ao impedir que uma parte da população tenha seus direitos reconhecidos e exercidos livre e abertamente (LOPES; RECH, 2013).

Ao estudarmos toda esta seleção, sem fazer esta separação, é evidente que 56,3% contam histórias calamitosas e só 43,67% apresentam alguma narrativa na qual os protagonistas – gays masculinos – tiveram um apogeu positivo ou, em outras palavras, feliz.

Outro ponto a se observar é que, na maioria dos casos, estas obras retratam histórias de jovens ou adolescentes e, com exceção do filme *J. Edgar*, todos os demais contam relatos sobre a busca por aceitação/respeito em algum aspecto da sociedade, como no familiar, profissional, escolar, cultural, social, militar ou religioso.

Especificamente no caso dos retratos escolares, o *bullying* de caráter LGBTfóbico ainda é um tópico central, desde as obras da segunda metade do século XX até mesmo nas de 2021; o que as difere é o uso das redes sociais para disseminar e, também, debater tal violação nesses ambientes de ensino.

Também se faz necessário perceber, além da narrativa, a ambientação de tais curtas e longas-metragens. Com raras exceções, a maior parte se passa em locais mais afastados de grandes cidades ou do centro de alguma metrópole, quase sempre em fazendas, sítios, florestas, lagos ou espaços que objetivam transmitir sossego e um afastamento das civilizações.

Isso talvez se justifique não apenas por tais películas serem rodadas por produtoras pequenas ou independentes, que se situam longe dos pontos estratégicos urbanos, como também pela ideia, mesmo que indireta ou inconsciente, de que o relacionamento homossexual é algo que se precise esconder ou se proteger da agressividade conservadora das grandes urbes que consideram tal afetividade indigna de aprovação ou de demonstração em público e, dessa forma, marginalizam e segregam essas expressões (SEIDMAN, 1996).

No que tange a construção dos personagens, além de suas histórias girarem em torno da busca por algum tipo de aceitação/respeito, como já mencionado nesta análise, também apresentam, na maior parte dos casos, um afastamento dos costumeiros tipos caricatos que socialmente se construiu a partir dos anos de 1970.

Já em relação a seus casos amorosos, ainda há uma reprodução do padrão heterossexista nesses filmes, isto é, personagens que imitam comportamentos de uma relação casal-hétero-cis na busca por enquadrar tais indivíduos em um arquétipo ainda persistente nas sociedades globais (MOTA, 2021), mas que, com isso, acabam por se perder a individualidade e a especificidade das intimidades homoafetivas.

Por fim, outro aspecto notório é o surgimento, nas obras a partir do início dos anos 2000, de personalidades afetivas para além da tríade gay, lésbica e *drag queen*. Nesses filmes datados depois da virada do milênio, já são encontrados personagens transexuais, demissexuais, poliamorosos, assexuais, intersexuais, *queers*, gêneros-fluídos, agêneros etc. Essa abertura mostra que, após muitas exigências e reivindicações, finalmente, até na indústria do entretenimento, as diversidades também têm começado a encontrar seu lugar.

## Conclusão

As diversidades sexuais ainda se apresentam como um *tabu* em muitos setores das sociedades globais, tanto ocidentais como orientais, tanto conservadoras como também as mais ligadas às tecnologias e ao futurismo; com a indústria cinematográfica não é diferente.

Embora essa área do entretenimento às vezes se mostre mais receptiva e aberta ao debate e às diferenças, infelizmente, na prática, não é isso o que acontece.

Conforme visto na seleção de 174 obras filmicas elencadas como as mais vistas de um dos maiores portais de entretenimento voltado ao público LGBT brasileiro da atualidade, a maioria dessas produções ainda carrega muitos estereótipos ligados à figura do homem gay, mesmo na contemporaneidade.

A partir da análise descrita neste estudo, foi possível perceber que a maior parte desta lista são de conteúdos de baixo orçamento e realizados por pequenas produtoras, deixando claro que as grandes companhias têm pouco interesse nessa temática.

Outra observação é que os filmes que possuem como protagonistas e/ou tramas centrais os gays masculinos – cis ou trans – ainda permanecem com a visão de inferioridade das relações homoafetivas. A maior parte das películas investigadas se passava em áreas mais longínquas dos centros urbanos ou de grandes metrópoles, sempre sendo retratadas em espaços mais reservados e que transmitem tanto a ideia de tranquilidade como de segurança, passando, assim, a sensação de que aquela relação ali presente se tratava de um equívoco, que merecia ser escondida ou até protegida do restante da sociedade.

Também se notou que esses longas e curtas-metragens, em sua maioria, representavam personagens adolescentes ou jovens, mas que, em todos os casos, estavam em busca de uma “aceitação” em algum âmbito da sociedade. Na esfera escolar e profissional, por exemplo, o *bullying* e o assédio moral, respectivamente, sempre se fizeram presentes nessas narrativas.

Outro fato a se atentar foi a heterossexualização das relações entre dois homens, ou seja, a cópia do padrão hétero-cis, mostrando sempre um do casal como excessivamente afeminado e

retirando desses indivíduos a possibilidade de possuírem sua identidade e especificidades. É importante ressaltar que ser ou não afeminado, em nenhum momento, contexto ou hipótese, deve ser algo negativo ou inferior. Pontua-se isso porque tais produções audiovisuais sempre atrelam essa característica a algo caricato, mesmo que após os anos de 1990 as caricaturas tenham relativamente perdido espaço nos filmes atribuídos a esse contingente social.

Portanto, a partir da análise metódica destas obras nos aspectos narrativos e de sua concepção, a presente pesquisa conclui que, mesmo com mais filmes destinados aos homens gays, sua maior parte ainda propaga os modelos construídos com base no conservadorismo, principalmente da primeira metade do século XX, e que isso ainda fomenta uma visão distorcida acerca dos LGBTs, em especial dos gays do sexo masculino, e não apresenta fomentos ao debate e aos questionamentos dos padrões sociais heterossexistas impostos culturalmente no decorrer dos séculos e incentivados cada vez mais pelas instituições hegemônicas contemporâneas.

### Analysis of cinematographic works intended for the gay male public

**Abstract:** The present study provides an analysis of 174 audiovisual films aimed at gay men. The main objective of this work was to understand how the narratives of cinematographic works starring homosexual couples and publicized in the western media from the second half of the 20th century are constructed. To this end, the methodology used was qualitative in nature and data collection was carried out through a bibliographic and filmic survey. In conclusion, the author found a majority pattern, present in this type of art, which is observed as low production features and short films, set in places further away from large metropolises, with characters that focus on the personal struggle for some kind of acceptance/respect and that, for the most part, reproduce heterosexist behavioral archetypes.

**Keywords:** Cinema. LGBT movies. Gay men.

### Referências

BRASIL DE FATO. **Dia Internacional contra a LGBTfobia:** mortes foram subnotificadas no último ano. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/17/dia-internacional-contra-a-lgbtfobia-mortes-foram-subnotificadas-no-ultimo-ano>>. Acesso em: 15 out. 2021.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada Amor: Identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, v. 21, jan./jun., 1996, p. 71-96.

FACCHINI, R.; FRANÇA, I. L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2933/293322974004.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**. Juiz de Fora, n. 25, abr., 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a09.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Editora Brasiliense, 1985.

HELMINIÁK, D. A. **O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. Edições GLS: 1998.

LOPES, M. C.; RECH, T. L. Inclusão, biopolítica e educação. **Educação**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, mai./ago., 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/12942>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

LOURO, G. L. (Org.). **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

MAIA, L. *et al.* Movimento LGBT: breve contexto histórico e o movimento na região do Cariri. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://interfaces.leaosampaio.edu.br/index.php/revistainterfaces/article/view/424/305>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

MENDES, L. **A história do movimento homossexual brasileiro**, 2010. Disponível em: <<https://lgbtt.blogspot.com/search?q=A+hist%C3%B3ria+do+movimento+homossexual+ brasileiro>>. Acesso em: 20 abri. 2020.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 21, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 05 ago. 2021.

MOLINA, L. P. P. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. **Antíteses**, Londrina, v. 4, n. 8, jul./dez., 2011.

MOTA, G. B. A heterossexualização das relações homossexuais masculinas nos produtos midiáticos globais contemporâneos. In: DESIDÉRIO, R. (Org.). **O sexo por trás das câmeras**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2021, p. 69-96.

PEASE, A.; PEASE, B. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?** – Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças. 13. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

REIS, T. O movimento homossexual. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Homossexualidade e educação sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: EdUEL, 2007, p. 101-102.

SEIDMAN, S. **Queer Theory/Sociology**. Malden: Blackwell, 1996.

SILVA, F. F. da; MAGALHÃES, J. C. Descolad@s, divertid@s, atrevid@s e diferentes: discutindo representações de gênero. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F. da; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Orgs.). **Educação e Sexualidade: Identidades, Famílias, Diversidade Sexual, Prazeres, Desejos, Preconceitos, Homofobia**. Rio Grande: FURG, 2008, p. 105-110.

SIMÕES, J. A.; CARRARA, S. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cadernos Pagu**, jan./jun., 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/bv9bTcbsRfpjqNvbjgky9gJ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SOBRINHO, W. P. **Brasil registra uma morte por homofobia a cada 16 horas, aponta relatório**. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SOUTO, L. **Assassinatos de LGBT crescem 30% entre 2016 e 2017, segundo relatório**. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

### Anexo

**Tabela 1** – Filmes da temática “gay” mais assistidos

| Filmes selecionados                    |
|--|
| 200 <i>American</i> (2003)             |
| <i>3-Day Weekend</i> (2008)            |
| <i>4 Lunas</i> (2014)                  |
| <i>4th Man Out</i> (2015)              |
| <i>Advokatas</i> (2020)                |
| <i>Akron</i> (2015)                    |
| <i>Alex StrangeLove</i> (2018)         |
| <i>All Over the Guy</i> (2002)         |
| <i>All You Need Is Love</i> (2009)     |
| <i>An Angel Named Billy</i> (2007)     |
| <i>An Unusual Affair</i> (2002)        |
| <i>Another Gay Movie</i> (2006)        |
| <i>Antarctica</i> (2008)               |
| <i>Arizona Sky</i> (2008;              |
| <i>Aus der Haut</i> (2016)             |
| <i>Azul y no tan Rosa</i> (2012)       |
| <i>A Four Letter Word</i> (2007)       |
| <i>A Glória e a Graça</i> (2017)       |
| <i>A Moment in the Reeds</i> (2018)    |
| <i>Baisers Cachés</i> (2016)           |
| <i>Be Mine</i> (2009)                  |
| <i>Beautiful Thing</i> (1996)          |
| <i>Because Of A Boy</i> (2002)         |
| <i>Beira Mar</i> (2015)                |
| <i>Better Half</i> (2015)              |
| <i>Beyto</i> (2021)                    |
| <i>Billy Elliot</i> (2000)             |
| <i>Boy Erased</i> (2018)               |
| <i>Breakfast With Scot</i> (2007)      |
| <i>Brokeback Mountain</i> (2005)       |
| <i>Broken Hearts Club</i> (2000)       |
| <i>Burning Blue</i> (2013)             |
| <i>C.O.G.</i> (2013)                   |
| <i>C.R.A.Z.Y</i> (2005)                |
| <i>Call Me By Your Name</i> (2017)     |
| <i>Capital Games</i> (2013)            |
| <i>Christopher and his kind</i> (2011) |
| <i>Closet Monster</i> (2015)           |
| <i>Come non Detto</i> (2012)           |
| <i>Danny in the Sky</i> (2005)         |
| <i>Date and Switch</i> (2014)          |

|  |
|--|
| <i>Defying Gravity</i> (1997)                |
| <i>Denied</i> (2004)                         |
| <i>Die mitte der welt</i> (2016)             |
| <i>Do começo ao fim</i> (2009)               |
| <i>Do You Take This Man</i> (2017)           |
| <i>Dog Tags</i> (2008)                       |
| <i>Do Lado de Fora</i> (2015)                |
| <i>Dream Boy</i> (2008)                      |
| <i>East Side Story</i> (2006)                |
| <i>eCupid</i> (2011)                         |
| <i>Edge Of Seventeen</i> (1998)              |
| <i>Esteros</i> (2016)                        |
| <i>Eu te amo Renato</i> (2012)               |
| <i>Fair Haven</i> (2016)                     |
| <i>Familie Verpflichtet</i> (2015)           |
| <i>FAQs</i> (2005)                           |
| <i>Fashion Victims</i> (2007)                |
| <i>Firebird</i> (2021)                       |
| <i>Five Dances</i> (2013)                    |
| <i>Food of Love</i> (2002)                   |
| <i>For a Lost Soldier</i> (1992)             |
| <i>Freier Fall</i> (2013)                    |
| <i>G.B.F.</i> (2013)                         |
| <i>Geography Club</i> (2013)                 |
| <i>Get Real</i> (1998)                       |
| <i>Getting Go: the Go Doc Project</i> (2013) |
| <i>Gewoon Vrienden</i> (2018)                |
| <i>Giant Little Ones</i> (2019)              |
| <i>God's Own Country</i> (2017)              |
| <i>Going Down In LaLa Land</i> (2011)        |
| <i>Gone But Not Forgotten</i> (2003)         |
| <i>Hawaii</i> (2013)                         |
| <i>Handsome Devil</i> (2017)                 |
| <i>Harry and Max</i> (2004)                  |
| <i>Hoje Eu Quero Voltar Sozinho</i> (2014)   |
| <i>Hold Your Peace</i> (2011)                |
| <i>Holding The Man</i> (2015)                |
| <i>Holding Trevor</i> (2007)                 |
| <i>Hooked</i> (2017)                         |
| <i>I Do</i> (2012)                           |
| <i>I Think I Do</i> (1997)                   |
| <i>In Bloom</i> (2013)                       |
| <i>In The Grayscale</i> (2015)               |
| <i>Is It Just Me?</i> (2010)                 |
| <i>J. Edgar</i> (2011)                       |
| <i>Jongens</i> (2014)                        |
| <i>Juste Une Question D'Amour</i> (2000)     |
| <i>King cobra</i> (2016)                     |
| <i>Kiss The Bride</i> (2007)                 |
| <i>L'homme que J'aime</i> (1997)             |

|   |
|---|
| <i>L'estate Addosso</i> (2017)                |
| <i>Last Weekend</i> (2014)                    |
| <i>Latter Days</i> (2003)                     |
| <i>Lazy Eye</i> (2016)                        |
| <i>Les Chansons D'amour</i> (2007)            |
| <i>Loggerheads</i> (2005)                     |
| <i>Longhorns</i> (2011)                       |
| <i>Looking: The Movie</i> (2016)              |
| <i>Los Amantes Pasajeros</i> (2013)           |
| <i>Love or Whatever</i> (2012)                |
| <i>Love, Simon</i> (2018)                     |
| <i>Make the Yuletide Gay</i> (2009)           |
| <i>Mambo Italiano</i> (2003)                  |
| <i>Man Loved Yngve</i> (2008)                 |
| <i>Matthias &amp; Maxime</i> (2019)           |
| <i>Maurice</i> (1987)                         |
| <i>Milk - A voz da Igualdade</i> (2008)       |
| <i>More Scenes from a Gay Marriage</i> (2014) |
| <i>Naked as We Came</i> (2013)                |
| <i>No Kiss List</i> (2015)                    |
| <i>O Menino e o Vento</i> (1967)              |
| <i>Out in the Dark</i> (2012)                 |
| <i>Paternity Leave</i> (2015)                 |
| <i>Patrik 1,5</i> (2008)                      |
| <i>PD</i> (2019 - curta)                      |
| <i>People you may know</i> (2016)             |
| <i>Pihalla</i> (2017)                         |
| <i>Poster Boy</i> (2004)                      |
| <i>Prayers For Bobby</i> (2009)               |
| <i>Primos</i> (2019)                          |
| <i>Prom Queen: The Marc Hall Story</i> (2004) |
| <i>Quem Vai Ficar com Mário?</i> (2021)       |
| <i>Radiant Sea</i> (2015)                     |
| <i>Redwoods</i> (2009)                        |
| <i>Regarding Billy</i> (2005)                 |
| <i>Release</i> (2010)                         |
| <i>Retake</i> (2016)                          |
| <i>Rock Haven</i> (2007)                      |
| <i>Roommates</i> (1994)                       |
| <i>Sasha</i> (2010)                           |
| <i>Scenes from a Gay Marriage</i> (2012)      |
| <i>Sequin in a Blue Room</i> (2019)           |
| <i>Shared Rooms</i> (2016)                    |
| <i>Shelter</i> (2007)                         |
| <i>Shut Up And Kiss Me</i> (2010)             |
| <i>Something Like Summer</i> (2017)           |
| <i>Spud</i> (2010)                            |
| <i>Steel</i> (2015)                           |
| <i>Stonewall</i> (2015)                       |
| <i>Suicide Room</i> (2011)                    |

|  |
|--|
| <i>Summer Storm</i> (2004)                                     |
| <i>Taekwondo</i> (2016)  |
| <i>Take Me to the River</i> (2016)                             |
| <i>Tell No One</i> (2012)                                      |
| <i>Uncle Frank</i> (2020)                                      |
| <i>The 10 Year Plan</i> (2014)                                 |
| <i>The Big Gay Musical</i> (2009)                              |
| <i>The Christmas Setup</i> (2020)                              |
| <i>The Curiosity of Chance</i> (2006)                          |
| <i>The Dream Children</i> (2015)                               |
| <i>The Last Straight Man</i> (2014)                            |
| <i>The Normal Heart</i> (2014)                                 |
| <i>The Perfect Wedding</i> (2012)                              |
| <i>The Sum of Us</i> (1994)                                    |
| <i>The Surface</i> (2015)                                      |
| <i>The Thing About Harry</i> (2020)                            |
| <i>The Trip</i> (2002)   |
| <i>The Mostly Unfabulous Social Life of Ethan Green</i> (2005) |
| <i>The War Boys</i> (2009)                                     |
| <i>Those People</i> (2015)                                     |
| <i>Through the Fields</i> (2015 - curta)                       |
| <i>Tom at the farm</i> (2013)                                  |
| <i>Triple Standard</i> (2010 - curta)                          |
| <i>Un Amour à Taire</i> (2005)                                 |
| <i>Watercolors</i> (2008)                                      |
| <i>Weekend</i> (2011)  |
| <i>Where Are You Going, Habibi?</i> (2015)                     |
| <i>Winning Dad</i> (2015)                                      |
| <i>Xenia</i> (2014)  |
| <i>Yossi &amp; Jagger</i> (2002)                               |
| <i>You Should Meet My Son!</i> (2010)                          |
| <i>You Should Meet My Son 2</i> (2018)                         |
| <i>Yves Saint Laurent</i> (2014)                               |

**Levantamento:** Gabriel Batista Mota (2021)